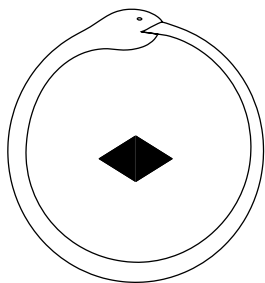


ESCOLAS VIVAS
Cristine Takuá



cadernos
SELVAGEM



ESCOLAS VIVAS

Cristine Takuá

Transcrição da fala de Cristine Takuá, em diálogo com Anna Dantes e Ailton Krenak, na [Conversa Selvagem](#) de 21/03/22.

A imagem da capa foi realizada por Maira Silva e Cristine Takuá.

O dia 21 de março de 2022 marcou novos movimentos na Selvagem: transformações no site, ciclos abertos e gratuitos, processos mais colaborativos e a ativação de uma rede de apoios a Escolas Vivas. As Escolas Vivas vêm com o impulso de tornar realidade o sonho de incentivar e fortalecer, inicialmente, 4 centros de formação de transmissão de saberes tradicionais, sendo 2 na Floresta Amazônica, dos povos *Huni Kuĩ* e *Tukano-Dessano-Tuyuka*, e 2 na *Nhe'ẽry* (conhecida como Mata Atlântica), dos povos *Maxakali* e *Guarani Mbya*. No início de 2024, a Escola Viva *Baniwa*, localizada em Assunção do Rio Içana, na Amazônia, também passou a integrar o movimento.

Esses 5 espaços já vêm ao longo de anos resistindo e desenvolvendo atividades, mas enfrentam muitos desafios devido à falta de apoio financeiro. Quando você colabora com o movimento Escolas Vivas, você ajuda a garantir o repasse de R\$8.000 mensais para cada uma delas, um recurso que pode ser utilizado sem burocracias pelas comunidades, fortalecendo suas ações, projetos e territórios.

Desde o início de 2025, em que Selvagem se reconheceu e estruturou como uma associação sem fins lucrativos, passamos a cuidar diretamente dos repasses financeiros a cada Escola Viva, além de organizar os registros e a relatoria das atividades realizadas.

Saiba mais e apoie o movimento Escolas Vivas em nosso [site](#).

Toda educação é política, e eu fico pensando no próprio conceito da palavra “escola” que a gente veio conversando esses dias. Na Grécia Antiga, fazer escola, a própria escola em si era uma relação com o prazer, com o ócio, com o encontro, com o diálogo. Então, Epicuro e outros gregos se encontravam no jardim para dialogar, pensar sobre a vida, sobre muitas coisas que regem nosso caminhar. Com o passar do tempo, a escola se tornou esse lugar de ordem, controle e obediência. E muitas regras que vieram com ela, eu chamo isso de tortura psicológica, que fica muito longe dessa liberdade do diálogo, do encontro, do caminhar, do viver e sentir conjuntamente estas possibilidades de transmitir conhecimento, e não simplesmente impor o saber. E aí, junto com isso, vem a mercantilização do processo educacional, quando se coloca aquela frase: “ser alguém na vida”. É muito comum, eu já ouvi várias pessoas, como se a busca por transmitir conhecimento tivesse a finalidade de adentrar o mercado de trabalho, e gera aquela competitividade de entrar na universidade, de adquirir um certificado para ser alguém na vida. Essa ilusão é tão estúpida e tão contraditória com o princípio da própria escola na origem, de como ela se propõe a transmitir conhecimento. Porque se a gente pensar, há séculos atrás, a educação tradicional de todos os povos na Ásia, África, Europa e em toda a América, o transmitir conhecimento estava muito desligado do pensar em adentrar o mercado de trabalho. Ser alguém na vida, todos somos. O meu avô nunca foi à escola e era muito atento, curioso, esperto nos fazeres que ele praticava. Então, criou-se essa ilusão de buscar através da letra e dos números um conhecimento superior, sendo que os saberes e fazeres brotam da nossa própria mão, que é uma flor. Essa flor nos possibilita produzir muita coisa: um cesto, um tecido, uma panela. As mãos não produzem só letras e números. E o que mais me incomodou durante o tempo em que estive na escola foi perceber que a escola se restringe a letras e números. E isso faz com que as crianças percam, não totalmente, mas que percam a memória da criatividade, da potência criativa. O *fazer as coisas* adormece dentro delas. Então, o próprio diálogo sobre as narrativas, o produzir desenhos, praticar outras formas, ficam adormecidos quando é obriga-

tório saber ler, escrever e contar números. Mas será que todo mundo veio ao mundo para saber ler e escrever? Às vezes, eu me pergunto sobre isso. Há pessoas que têm mais facilidade de tocar uma flauta do que escrever um texto, e está tudo bem. Porque o sopro da flauta comunica muitas linguagens e narrativas que as palavras jamais dariam conta de descrever. Fico pensando sobre tudo isso.

Quando fui para a faculdade, eu sofri muito. Os professores me chamavam de eloquente. E eu demorei a entender o que é eloquência. Porque, muitas vezes, eu falava muito que a flauta comunicava mais que os textos e do quanto eu tinha dificuldade para escrever um texto. Porque os sentimentos são muito profundos, e você colocar isso no papel de forma objetiva e organizada pela regra que existe é bem complicado. Então, eu sinto isso, que nem todas as crianças vieram ao mundo para escrever um livro, e que isso deve ser respeitado. Se a educação não respeita o princípio que brota dentro de cada um, que seja tocar uma flauta, seja fazer um tecido, seja até escrever um texto, e tem pessoas que escrevem muito bem e outras que falam muito bem, e essa diversidade de saberes deveria ser respeitada, mas ela não é! E eu vivi isso intensamente durante 12 anos como educadora em uma escola, e quando eu resolvo largar esse barco violento e opressor da escola, surge essa outra oportunidade muito mais alegre, criativa e libertadora de dialogar com escolas vivas, porque, de escolas mortas, a gente sabe que o mundo está cheio. Escolas que estão dando certificados para as pessoas seguirem com depressão, seguirem se suicidando, seguirem se entupindo de remédios. Tenho muitos amigos, mestres, doutores, pós-doutores que estão se matando. Seja no vício do álcool, seja com drogas diversas ou com a própria intensidade de pensamentos, porque tem pessoas que devoram livros e acabam se entupindo de teorias que elas não conseguem praticar. Porque estão trancadas dentro dos seus quadrados, dentro da ordem, da obediência e do controle que a própria universidade coloca para os professores e para os alunos. Então, essa escola viva que a gente está propondo, que a gente está sonhando junto, para mim é uma possibilidade de realmente tecer coletivamente outra forma de você valorizar o que existe, o que é vivo dentro dos territórios. E não é essa educação escolar indígena criada/instituída pelo governo, que vem nessa escola quadra-

da. Mas é pensar uma escola que é circular, que é cíclica, que dialoga também com a paca, a cutia, com a chuva, com outras coisas além dos números. A gente dialoga com os invisíveis. E eu tive essa prova muito forte há tempos atrás, porque eu tive um encontro com **Dua Busê**, que é um dos coordenadores da [Escola Viva Huni Kuĩ](#), e eu me encontrei com ele em outro plano, que não foi no plano da tecnologia, ligando pra ele. A gente conseguiu dialogar em outros planos. Então a Escola Viva te propicia isso, encontros invisíveis, encontros que talvez nem a metafísica daria conta de explicar essa grandeza das plantas, das visões, das mirações, dos sonhos. Para mim é muito forte tudo isso, ainda estou pensando, tentando entender de que forma a gente vai guiar juntos essa canoinha, em territórios muito diferentes. A realidade dos **Maxakali** é bem diferente da realidade dos **Huni Kuĩ** do Alto do Rio Jordão, ou dos **Guarani** ou dos **Tukano**. São realidades muito diferentes, mas potências muito profundas entre eles todos. Acredito que é um sonho conjunto que está surgindo para fortalecer muito não só esses territórios, esses quatro territórios, mas para fortalecer essa certeza que tenho dentro de mim, de que a educação brota do respeito, e não brota somente das palavras e dos números.

SABERES NÃO HUMANOS

[A conexão entre lugares distantes] é um tecido bem colorido, com muitas formas e muitas mensagens mas que são feitas de tecidos diversos, fibras diversas – e não somente com palavras. Estamos longe de resolver o problema da educação no Brasil, dentro das comunidades indígenas, porque acho que isso vem de uma complexidade muito grande. Digo isso como uma pessoa que ficou anos na luta pela educação escolar indígena. Venho de uma frente de tentar criar uma licenciatura para formação de professores indígenas, de criar as diretrizes curriculares para mudar o currículo. Então a educação escolar indígena tem uma militância muito grande, tem muitos parentes que estão na luta há muitos anos para efetivar uma educação que respeite de fato o diferencial, a interculturalidade, enfim, tudo, a educação que é comunitária. O

nosso propósito é outro, a gente não vem querer colocar a mão nessas feridas, mas dialogar com elas de uma certa forma, e, dentro desses quatro territórios, dialogar possibilidades outras de fortalecer e de tecer juntos mesmo, possibilidades de transmitir conhecimentos para além desse espaço institucional da escola como ela é pensada hoje. Então a gente começa pequenininho, com parceiros que vêm nos apoiando, acreditando nessa outra possibilidade de, também, dialogar sobre transmissão de conhecimentos, mas eu, particularmente, tenho um pensamento muito da humildade e de pensar que é uma experiência que nós estamos tecendo juntos, não sabemos qual é a forma que esse tecido vai se dar com o tempo, mas com o tempo é que nós vamos sentindo, visualizando e aprimorando também essa iniciativa. Sabemos e temos total entendimento de tudo o que se passa nesses dois paralelos, a educação tradicional e a educação escolar indígena, que são dois caminhos bem diferentes, e o que nós estamos fazendo é criando uma ponte de diálogo no que se refere a esse modelo e esse processo de educação dentro das comunidades, que dialoga, na verdade mais com o sábio, e não só com pessoas. Eu venho falando disso há muito tempo, da importância de se pensar uma educação que também dialoga com os não humanos. Quando eu dava aula de Filosofia, eu saía a andar com as crianças e falava: a gente também precisa dialogar com as plantas, com as pedras, com os outros seres. Mas os livros não nos dão essa possibilidade; todo currículo é embasado em saberes que muitas vezes são praticados com os humanos apenas. A escola viva que eu sonho é essa educação que dialoga com outras coisas, com os seres invisíveis também, com os sonhos e com os seres não humanos. Eu parto desse pensamento, desse sonho, desse impulso de sentir e acreditar que é possível a gente se relacionar e produzir fortalecimento dentro dos territórios acreditando nisso, em outros caminhos.

REFLORESTAR PARA REPOVOAR

Parece que somos várias formiguinhas juntas trabalhando, várias formiguinhas construindo alguma coisa. Acho que essa metáfora, essa

ideia, já me dá uma alegria de pensar mais um agente que soma nesse grande tecido, nessa teia que estamos tecendo juntos. Então a imagem da aranha, a imagem da formiga e de todos esses sonhos juntos que o Selvagem também nos trouxe ao longo desse tempo todo, animam muito a ideia das pessoas que vão somar nessa parceria, nessas contribuições, nessa possibilidade de dar apoio ao que já está acontecendo, acho que isso é o principal desse nosso sonho, que não é um projeto que traz toda uma burocracia, como a Anna bem falou. Acho que apoiar essas iniciativas que já existem, cada uma tem uma realidade bem diferente, estruturar a [Aldeia Escola Floresta Maxakali](#) é de uma importância tão grande, que é reflorestar essa *Nhe'ẽry* de Minas Gerais, é dar possibilidades para que os *Yamixop* continuem cantando, continuem fortalecendo os territórios, para que as crianças possam visualizar todos esses seres e espíritos que existem e que estão presentes nos cantos há séculos. Uma vez que se refloresta essa aldeia sonhada, é a possibilidade de que esses seres voltem a existir na realidade. É tão profundo esse projeto, esse sonho *Maxakali* e todos os outros. E daí, com todos os outros parceiros também, a gente tá aqui no [ponto de cultura Mbya Arandu Porã](#), a gente vem já há alguns anos tentando se fortalecer, e isso se deu muito através do apoio também do Instituto Maracá, do qual eu faço parte e o Ailton também, e a gente conseguiu de alguns anos para cá ir estruturando, criando possibilidades de trabalho, e agora a gente vai poder dar uma continuidade e se fortalecer ainda mais. São muitos os sonhos que nós queremos desenvolver aqui também, no nosso espaço, enquanto proposta de oficina, de encontros, intercâmbios, de fortalecimento da memória, que é uma coisa que a gente vem falando muito, do quanto a memória é importante, uma vez que a gente vem assistindo muitos anciões e anciãs partindo, e essa memória viva que habita dentro deles se vai, uma vez que a gente não registra e não dialoga com os mais novos sobre isso. Então eu também estou muito feliz, como a Anna falou, e acreditando muito que esse nosso sonho vai ter uma potência muito grande, e aos poucos a gente vai vendo como que esse tecido vai se transformando em cada território, e não só através da troca, das experiências que eu acredito que vão acontecer muitas também. A gente tem essa ideia dos intercâmbios, que são tão poderosos também, de fazer

essa circulação entre os parentes desses quatro espaços de fortalecimento, mas também de ver os territórios se fortalecendo cada vez mais. Estou muito feliz, e vamos seguindo, remando essa nave-canoinha juntos.

SEMEAR IDEIAS

Já estava esperando isso, que iam chover questões e pensamentos sobre “E agora, como que a gente também faz isso nas nossas escolas não indígenas ou mesmo dentro de outras escolas indígenas?”. Como eu já disse, nós não temos nenhuma pretensão, objetivo ou condições no momento de resolver o problema da educação no Brasil. Então como levar isso para escolas não indígenas ou mesmo para as indígenas é uma questão. Acho que é um grande desafio, e eu falei isso como educadora que trabalhou numa escola durante muitos anos. Eu sempre vinha dialogando, e venho ainda, com muitos educadores, do quanto é necessário transformar e mudar os currículos das escolas. Aproximar as escolas das comunidades, dos seus terreiros, das comunidades locais que estão ao redor das escolas. Então essa nossa ideia, esse sonho que nós estamos começando, é muito humildemente uma ideia de fortalecer transmissões de conhecimentos, de saberes e fazeres que já estão acontecendo em alguns territórios. Acho que, acompanhando isso, cada educador pode intuir ou captar alguma forma de possibilidade de praticar isso dentro das suas atividades diárias, das suas realidades e contextos de escola. Mas nós não estamos falando de escola no modelo de hoje, como eu falei no início, porque a escola passa por uma série de burocracias, formatos e regras das quais nós estamos justamente fugindo. Não estamos falando de uma escola como todos entendem a escola; estamos falando de valorização de transmissão de conhecimento. Então acho que podemos seguir no diálogo, e vão acontecer vários diálogos, e pensar de que forma incentivar os educadores, de um modo geral, a transformar o seu modo de trabalho no dia a dia, e não que isso seja uma regra ou uma condição obrigatória, mas eu acredito que cada educador, seja numa escola pública, escola particular, escola comunitária, tem a possibilidade de transformar os seus meios de processos de trabalho. Mas esse não é

nosso objetivo; o que a gente pode fazer é semear ideias, semear sonhos, semear possibilidades de transformação. Mas o caminho cabe a cada um buscar de que forma que isso é possível, eu não tenho a resposta de que forma seria; tenho muitos sonhos, mas respostas concretas é um caminho muito desafiador, e temos muitas coisas pra pensar juntos, e pensar nessa ideia conjuntamente. Vamos tecendo, vamos tecendo esse tecido e vendo de que forma que a gente vai aproximando os mundos e fortalecendo os saberes.

Aguyjevete!

CRISTINE TAKUÁ, do povo *Maxakali*, é uma pensadora, aprendiz de parteira e educadora. É formada em Filosofia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp) e foi professora por doze anos na Escola Estadual Indígena *Txeru Ba'e Kuai'*. Atualmente é coordenadora das Escolas Vivas e integra o conselho da Associação Selvagem.

Cristine Takuá é representante do Núcleo de Educação Indígena (NEI) dentro da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo e membro fundadora do Fórum de articulação dos professores indígenas do Estado de São Paulo (FAPISP). Faz parte do Instituto Maracá, que está fazendo a gestão compartilhada do Museu das Culturas Indígenas em São Paulo.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Agradecemos a Natália Amarinho e Katlen Rodrigues pela transcrição, Sâmia Rios pela revisão e Isabelle Passos pela editoração deste caderno. Mais informações em selvagemciclo.org.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.org.br/apoie